



## MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

Miscelânea, Assis, vol.8, jul./dez.2010



# A IMPRENSA LIVRE E O DESPERTAR DA VIDA LITERÁRIA

## ANGOLANA NO SÉCULO XIX

Sheila Ribeiro Jacob  
(Mestranda — UFF — CAPES)

### RESUMO

Foi no século XIX que a atividade literária angolana deu seus primeiros passos. Nesse período foram publicadas as primeiras obras do país, tanto em prosa quanto em poesia. Também foi quando houve o estímulo à produção de uma literatura própria, e muitos poemas foram amplamente divulgados pela imprensa livre, que experimentava seu auge nesse momento. Este trabalho pretende analisar a articulação entre literatura e jornalismo em Angola, com destaque ao *Jornal de Loanda*, editado por Alfredo Troni, e à revista *Luz e Crença*, na qual apareceu, pela primeira vez, a defesa de uma autonomia política.

### PALAVRAS-CHAVE

Imprensa livre angolana; literatura; *Jornal de Loanda*; *Luz e Crença*.

### ABSTRACT

In the 19th century, literary activity in Angola took its first steps. By that time, the first prose and poetry works were published. It was also the time when the production of a national literature was stimulated, and many poems were widely divulged by the free press, which experienced its height at that time. This study aims to examine the articulation between literature and journalism in Angola, especially the *Jornal de Loanda* newspaper, edited by Alfredo Troni, and the *Luz e Crença* magazine, in which the initial defense for political autonomy appeared.

### KEYWORDS

Angola's Free Press; literature; *Jornal de Loanda*; *Luz e Crença*.

*Nossa Voz*

Nossa voz grossa de miséria  
Nossa voz ferida de correntes  
Nossa voz de África...  
Nossa voz traçando caminhos...  
Nossa voz de milhões de vozes  
que gritam  
gritam  
e gritam!

(Noémia de Sousa)

O século XIX tem importância fundamental nos estudos da vida cultural angolana, pois foi quando o prelo chegou a Angola e a atividade literária do país deu seus primeiros passos. É nesse período que encontramos as obras consideradas inauguradoras da literatura local: o conjunto *Espontaneidades da minha alma*, de 1849, do angolano José da Silva Maia Ferreira, importante por ter sido o primeiro livro africano de língua portuguesa a ser publicado; a noveleta *Nga Muturi*, de 1882, escrita pelo português Alfredo Troni, que perto dos 30 anos mudou-se para Luanda e teve grande destaque na atividade jornalística de Angola; e o livro de poemas *Delírios*, de 1890, do angolano Joaquim Dias Cordeiro da Matta. Também nesse século o angolano Pedro Félix Machado lançou o *Romance Íntimo — Scenas de África*, publicado em folhetins nos jornais *Gazeta de Portugal* e *Tarde*, em 1892 e 1893 respectivamente.

Essa mesma época marca uma intensa atividade do jornalismo autônomo angolano, já que, como observa Laranjeira, por volta de 1870 “verifica-se o surto da Imprensa Livre angolana, na qual ensaiaram experiências literárias e terçaram armas pela democracia republicana intelectuais africanos e portugueses” (1992, p. 11). Poucas décadas após a instalação do prelo em Angola, em 1844, vieram à tona jornais independentes que, ao longo do tempo, foram aumentando gradualmente a contestação à situação de exploração e dominação do país por Portugal.

Neste trabalho, farei uma rápida análise desse momento bastante fecundo da atividade jornalística, na qual foram divulgadas produções de alguns dos principais nomes envolvidos na produção literária, que, como vimos, dava então seus primeiros passos. Desse conjunto de periódicos, destacarei o *Jornal de Loanda*, sob a responsabilidade de Alfredo Troni, e a revista *Luz e Crença*, publicada nos primeiros anos do século XX por angolanos. Nessa época, é possível identificar um ensaio de vozes que, ainda que não tenham convocado a libertação da colônia, ousaram se levantar em um momento de dominação europeia tanto política quanto ideológica, abrindo caminho para outras “milhões de vozes de África”, “grossas de miséria” e “feridas de corrente” que, séculos depois, gritarão em coletivo, como vimos com a poeta moçambicana Noémia de Sousa nos versos que iniciam o presente trabalho.

### **Jornalismo e literatura dão seus primeiros passos**

O primeiro periódico publicado em Angola foi o *Boletim do Governo Geral da Província de Angola*, em 13 de setembro de 1845, um ano após a chegada do prelo ao país. De acordo com o intelectual português Júlio de Castro Lopo, a grande figura da inauguração da imprensa em Angola foi o governador-geral Pedro Alexandrino da Cunha, responsável por criar um boletim que, de acordo com um decreto oficial, deveria ser submetido à vistoria dos portugueses e “pelo qual se estabeleceu a organização administrativa para o Ultramar, o que é considerada a primeira carta orgânica para as ultramarinas possessões portuguesas” (LOPO, 1964, p. 12). Assim como no Brasil e nas demais colônias portuguesas na África, vemos, portanto, que desde o seu nascimento o jornalismo angolano esteve ligado à administração da metrópole.

Quatro anos depois, é publicado no país o conjunto de poemas *Espontaneidades da minha alma — às senhoras africanas*, o “primeiro balbúcio da emergência de uma literatura angolana” (PACHECO, 1990, p. 27). Mesmo louvando a ordem colonial e cantando com um certo tom de exotismo a terra e o homem local, o mestiço Maia Ferreira reivindica em seus poemas o seu

pertencimento ao país africano e declama seu amor à pátria, principalmente em “A minha terra”, poema que dialoga com o nosso brasileiro Gonçalves Dias e sua “Canção do Exílio”, o que fica claro logo nos primeiros quatro versos:

Minha terra não tem os cristais  
Dessas fontes do só Portugal  
Minha terra não tem salgueirais,  
Só tem ondas de branco areal.

Muitos pesquisadores lançam a hipótese de antes de 1849 terem sido publicadas obras de outros autores angolanos, mas até hoje não foi apresentada nenhuma evidência deste fato. Sendo assim, Maia Ferreira ganha destaque no panorama cultural angolano por ter sido o inaugurador de uma tradição literária no país que seria fortalecida com Cordeiro da Matta no final do século XIX, e viria a emergir em sua autenticidade apenas em meados do século XX.

Décadas depois da publicação de *Esportaneidades*, verifica-se a explosão da imprensa livre angolana, que estava “recheada de inúmeros vaticínios, que aponta(va)m serenamente para uma mudança radical que, à distância de uma centena de anos, viria, enfim, a concretizar-se” (LARANJEIRA, *op. cit.*, p. 34). Um dos aspectos desse jornalismo é a inserção de frases, mensagens e expressões em kikongo, umbundo e principalmente em quimbundu, línguas da grande família banta, ao invés da língua oficial imposta pela metrópole como sinônimo de civilização e assimilada por muitos africanos, já que, como observa Fanon, “todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da língua da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana” (2008, p. 34). Na maioria das vezes essa postura era de desprezo em relação à língua local e um esforço por aprender a língua outra, o que de fato representava um “deslocamento”, uma “clivagem” da coletividade em que nasceu, para usar termos de Fanon (*idem*, p. 40).

O primeiro periódico dessa imprensa autônoma, mas ainda não defensora dos interesses dos filhos da terra, vale destacar, surgiu em 1855 com

o nome de *A Aurora*, mas sobre o qual infelizmente sabemos muito pouco. O próximo, *A Civilização da África Portuguesa*, viria à tona cerca de uma década depois, em 6 de dezembro de 1866. O jornal, editado por António Urbano Monteiro de Castro e Alfredo Júlio Cortez Mântua, durou três anos e serviu de influência a outros periódicos considerados polêmicos, até a primeira década do século XX. Apesar de não estar vinculado oficialmente à metrópole, para Lopo (1964) *A Civilização* não sai em defesa dos interesses angolanos, já que o periódico serviu como porta-voz dos colonos, que a ele recorriam por motivos diversos. Para Trigo (1977) este jornal também não defendia os interesses dos naturais da terra, assim como alguns periódicos que se seguiram, como *O Comércio de Loanda*, *O Mercantil* e *O Cruzeiro do Sul*.

O grande nome da inauguração de uma prática jornalística de fato contestatória foi Alfredo Troni, português com bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra que exerceu carreira na África e faleceu em Luanda no ano de 1904. Troni foi o responsável pela criação do *Jornal de Loanda*, em 1878, e de mais dois periódicos: *Mukuarimi* (1888) e *Conselhos do Leste* (1891). A opção por escolher como um de seus títulos uma palavra em quimbundo (*Mukuarimi* significa linguarudo) mostra uma recusa àquela postura de assimilação diante da língua do colonizador, como vimos com Fanon, o que podemos entender, a partir de Mignolo (2008), como uma “opção descolonial” em contraponto às “identidades que foram alocadas [...] por discursos imperiais (nas seis línguas da modernidade europeia — inglês, francês e alemão após o Iluminismo; e italiano, espanhol e português durante o Renascimento)”, desnaturalizando, já naquele tempo, a construção racial e uma política imperial de identidades (p. 289-290). Basta lembrar que, décadas depois com o estatuto do indigenato de 1954, para ser considerado cidadão em Angola seria necessário, além de outras exigências, “falar correctamente o português”.

Mas não foi apenas no jornalismo que Troni marcou presença. Ele também é o autor da novela *Nga Muturi*, considerada uma das precursoras da escrita africana de expressão portuguesa. A novela, que possui *Cenas de Luanda* como subtítulo, foi publicada pela primeira vez na metrópole, entre

junho e julho de 1882, em folhetins no *Diário da Manhã*, e depois reproduzidos no *Jornal das Colónias*, também em Lisboa, em julho e agosto do mesmo ano. O estudioso angolano Mario António é quem define a breve narrativa como “noveleta” no prefácio de *Nga Muturi*, e também declara que Troni acedeu a “um conhecimento da sociedade em que se inseriu, fora do vulgar em homens com o seu tipo de formação”, e responsável por “intervenções polêmicas num jornalismo que foi das expressões mais válidas da criouliidade dominante na cidade de S. Paulo de Assunção de Luanda, no último quartel do século XIX” (TRONI, 1973, p. 9).

O *Jornal de Loanda* é considerado, por Trigo (1977), o marco da transição de um jornalismo (majoritariamente) colonial para um jornalismo cada vez mais apegado ao povo e ao país, servindo como instrumento de denúncia. Após este periódico, a imprensa livre passou à acusação frontal com o surgimento de veículos controlados pelos “filhos do país”. Desse grupo destacam-se três jornais: *O Echo de Angola* (1881), *O Futuro de Angola* (1882), e *O Pharol do Povo* (1883). De acordo com Lopo (1964), o primeiro marcou o início da intervenção de africanos no jornalismo local, como um órgão de imprensa exclusivamente deles e por eles redigido.

É importante lembrar, contudo, que todas essas opiniões vinham de uma elite intelectual pertencente à classe média e muito beneficiada de sua situação de intermediária na situação colonial. Ainda assim, merece ser reconhecida a importância dessas primeiras manifestações, pois ao denunciarem os abusos da prática colonial e defenderem uma maior autonomia para Angola, abriram caminho para a formação, no século seguinte, de um movimento de intelectuais que declarariam seu compromisso com todo o povo angolano e com a independência política, que viria a ser alcançada em 1975.

Um dos momentos marcantes da produção jornalística do final do século XIX é a publicação, no início do século seguinte, em maio de 1901, do conjunto *Voz de Angola Clamando no Deserto*, que reúne artigos, relatórios e textos escritos por onze intelectuais da época, “filhos da terra”, que exerciam sua atividade intelectual nos periódicos independentes. Esses textos foram

escritos em *reação* ao artigo “Contra Lei, pela Grey” publicado em março do mesmo ano, no número 4 da *Gazeta de Loanda*, em que o autor anônimo destacava a inferioridade do negro e sua condição não-humana: “É fundamentalmente necessário partir do princípio de que o preto não é perfeitamente um homem...”. Tal postura é uma reprodução do discurso hegemônico do sistema colonial, que pregava que, como bem observa Fanon, “o negro não é um homem”, e pertence a uma “zona de não-ser”, a “uma região extraordinariamente estéril e árida” (2008, p. 26) da qual deveria sair. Essa ideia era naturalizada e inclusive assimilada por muitos negros que queriam ser brancos, já que essa era a condição de ser humano (*idem*, p. 27).

Um ano após a edição de mil exemplares desse conjunto, é editada a revista *Luz e Crença*, que teve apenas dois números e marcou época tanto pelo incentivo ao desenvolvimento de uma literatura local quanto pelo posicionamento político assumido por seus editores. Veremos como esse periódico, junto com o *Jornal de Loanda*, foi importante para estimular e divulgar muito da produção literária da passagem do século XIX ao XX.

### **Literatura e política no *Jornal de Loanda* e *Luz e Crença***

Destaquei anteriormente a importância que teve o português Alfredo Troni para o desenvolvimento das letras em Angola, tanto na literatura, com a publicação de *Nga Muturi*, “peça fundadora” da literatura local, como define Laranjeira (1995), quanto no jornalismo, com a criação de três periódicos. Dentre estes destaca-se o *Jornal de Loanda* que, além de conter artigos de questionamento à administração colonial, também divulgava textos literários, com a publicação de folhetins, por exemplo, e também de poesia, que teve forte presença nas páginas do periódico. Muitos dos poemas apresentavam a mistura de termos em quimbundo com o português — o que, como já dissemos, representa um traço de resistência, por também entender a língua local como veículo de cultura.



*Almanach de Lembranças*, escrito em “Imitação duns versos de João E. da C. Toulson”, cuja referência é clara, como mostram esses versos:

Nesta pequena cidade,  
vi uma certa donzela,  
que muito tinha de bela,  
de fada, huri e deidade,  
a quem disse: - “minha q’rida,  
peço um beijo por favor,  
bem sabes ó meu amor,  
que eu por ti daria a vida!”

— “*Nguami-âmi, ngana-lame,*  
“não quero, caro senhor” —  
disse, sem mudar de cor —  
“*maculo! quangandallâmi,*  
“não creio no vosso amor”...  
[...]

Cordeiro da Matta também canta a beleza da mulher africana, reconhecendo, assim como Álvares de Paes, que é contrária a opinião corrente, inserindo o vocábulo *mas* em seu poema “Negra!”:

Negra! Negra! Como a noite  
Duma horrível tempestade,  
Mas, linda, mimosa e bela,  
Como a mais gentil beldade!  
[...]

O poeta angolano também escrevia para o *Jornal de Loanda*, possuindo uma coluna fixa, intitulada “Jeremiadas Históricas”, na qual costumava denunciar as condições de vida neste tempo. Chegou a escrever, por exemplo:

O que és Loanda? Perguntei a mim mesmo, e prossegui: Há mais de trezentos anos que foste fundada e ainda te conservas no mesmo estado! As tuas ruas são pestilentas! [...] Os homens que têm o poder da autoridade são o teu flagelo; fazem-te viver na imundície; [...] Que triste sorte é a tua, ó Loanda!... E vives no tempo do progresso... (*apud* TRIGO, 1977, p. 46).

Cordeiro da Matta foi um dos que, no final do século XIX, mais demonstraram sua preocupação com a valorização da cultura tradicional. Além de ter organizado o *Diccionario Kimbundu-Portuguez*, de 1893, ele reuniu provérbios populares na obra *Philosophia Popular em Provérbios Angolenses*, lançada em 1891, na qual convoca seus conterrâneos à tarefa de criação de

uma literatura própria: “Por isso, patrícios meus, embora vos custe, embora seja com sacrifício, dedicai algumas horas de lazer para a fundação da literatura pátria. Nada de desanimar. Avante!”, diz ele no final da nota preambular do livro (*apud* EVERDOSA, 1985, p. 33).

Nesse mesmo texto Cordeiro da Matta recorda os exemplos dados pelo suíço Héli Chatelain com sua pesquisa de contos tradicionais feita no final do século XIX. Em *Folk-tales of Angola*, Chatelain apresenta cinquenta contos populares angolanos reunidos desde a chegada do europeu em Luanda, em 1885. O europeu já havia chamado a união dos angolanos para uma produção própria:

É preciso que os próprios filhos do país, cheios do santo zelo pelas cousas pátrias, desenvolvam a literatura nascente; e como a união faz a força, é mister que se reúnam os poucos que sentem na alma o fogo sagrado, é mister que este fogo queime e consuma as mesquinhas rivalidades e vaidades pessoais [...] (*apud* ERVEDOSA, *idem*, p. 32).

O projeto de valorização e produção de uma literatura efetivamente angolana, preconizado por Chatelain e reforçado por Cordeiro da Matta nos finais do século XIX, ganhou adeptos, em 1902, com a revista *Luz e Crença*, promovida pela Associação Literária Angolense, sob a responsabilidade dos angolanos Pedro da Paixão Franco, Francisco Castelbranco e Silvério Ferreira. A revista teve apenas dois números editados, e uma de suas principais propostas, o desenvolvimento de uma literatura pátria, como, aliás, já havia defendido Cordeiro da Matta, fica clara em um artigo escrito por Castelbranco e publicado no segundo número da revista: “É tempo portanto de sacudirmos esta apatia, que é, por assim dizer, o nosso apanágio, e darmos nós, os novos, o nosso contingente às livrarias, embora escasso em número e qualidade...” (*apud* TRIGO, *op. cit.*, p. 69).

Essa publicação incomodou muito a metrópole por propor uma discussão política, principalmente no seu segundo número, no qual aparece pela primeira vez o ideal da independência, ressaltado no texto de Paixão Franco: “autonomia é a aspiração de todos, é boa e todos a desejam, até

mesmo aqueles que lucram com a actual situação; contudo os que podem trabalhar, dentro dos limites da lei, para que ela se realize não se mexem” (*apud* TRIGO, *idem*).

## Conclusão

Vimos rapidamente porque o século XIX tem grande importância para o estudo da vida intelectual de Angola. Além das primeiras publicações literárias, teve destaque a “intensa e brilhante atividade jornalística” de então, quando surgiram cerca de meia centena de jornais (LARANJEIRA, 1995, p. 19). Destes destacamos o *Jornal de Loanda*, editado por Alfredo Troni e no qual colaboraram Cordeiro da Matta, grande defensor de uma literatura própria, e outros escritores que inseriram no corpo de seus poemas termos e expressões em quimbundo. Sublinhamos ainda a importância da revista *Luz e Crença* que, mesmo tendo apenas dois números, defendia, como enumera Laranjeira (*idem*, p. 20), a instrução dos jovens e a autonomia política, promovendo uma crítica social e institucional.

À *Luz e Crença* seguiram-se o jornal *O angolense*, criado em 1907 pelos mesmos três jornalistas; e *O Negro*, em 9 de março de 1911, publicado em Lisboa e considerado por Trigo (1977) como último eco de contestação às práticas coloniais em Angola na primeira metade do século XX. O jornal só chegou até o terceiro número. Com a implantação do Estado Novo português, na década de 1920, ocorreu um verdadeiro esfriamento nas camadas intelectuais de Angola. O salazarismo ergueria um “muro de silêncio”, enclausurando as colônias africanas. “Para a solidez dessa muralha, muito terá contribuído o desaparecimento de uma imprensa contundente e intervencionista, bem assim como a falta de uma actividade literária voltada para os problemas locais” (TRIGO, 1977, p. 83).

Mas a atividade dessa imprensa não ficaria silenciada por muito tempo. Após cerca de meio século de quase total silêncio, sua força contestatória seria retomada pelo Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, que surgiu em

1948 com o seguinte lema: "Vamos Descobrir Angola!". Esse movimento consistiu na recuperação das vozes apagadas dos filhos do país, para cantar as belezas, tristezas, dores e ânsias daquela terra e daquela gente. De certa maneira, acabou cumprindo o que Silvério Ferreira, um dos responsáveis pela *Luz e Crença*, havia previsto em relação aos jovens reunidos em torno da revista: "São estes os que hão-de fazer a pátria de amanhã de quem Angola deve esperar não a grandeza, mas um nome, embora de pouca monta, nos seus registos do século XX" (*apud* TRIGO, *idem*, p. 70).

### Referências bibliográficas

ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro da Literatura Angolana*. 3. ed. Luanda: UEA, 1985.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

LARANJEIRA, Pires. *De letra em riste*. Porto: Afrontamento, 1992.

\_\_\_\_\_. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

LOPO, Júlio de Castro. *Jornalismo de Angola. Subsídios para sua História*. Luanda: Imprensa Nacional de Angola, 1964.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Tradução de Ângela Lopes Norte. In. *Cadernos de Letras da UFF — Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34. Niterói: Instituto de Letras, 2008, p. 287- 324.

PACHECO, Carlos. *José da Silva Maia Ferreira — O Homem e a sua época*. Luanda: UEA, 1990.

TRIGO, Salvato. *Introdução à Literatura Angolana de Expressão Portuguesa*. Porto: Brasília Editora, 1977.

TRONI, Alfredo. *Nga Muturi — Cenas de Loanda*. Lisboa: Ed. 70, 1973.

---

Artigo recebido em 30/05/2010 e publicado em 08/11/2010.